

Diário da epidemia, Parte I¹

João Bendito

NOTA EXPLICATIVA

Desde 19 de março do corrente ano que venho escrevendo um “Diário da Epidemia”. Até hoje, 5 de setembro, ele já conta com 121 crônicas, espalhadas por 263 páginas com 93.000 palavras. Desse conjunto, da *Gávea-Brown* foi-me pedido que enviasse 40 páginas, que seriam porventura reduzidas para metade.

A minha escolha não obedeceu a grandes regras. Fui simplesmente lendo os textos e separando o que me parecia ser mais interessante, de forma a poder manter uma sequência coerente. Algumas das crônicas foram incluídas na totalidade; de outras retirei apenas parágrafos. Tentei fugir à temática da política, embora esse assunto apareça mencionado em algumas das crônicas. Entendo que não se pode escrever um Diário da Epidemia e não falar na resposta ou nas ações que as entidades responsáveis têm (ou não) desenvolvido para colmatar os efeitos da calamidade.

Não modifiquei praticamente nada no conteúdo dos textos desde que foram escritos, nem sequer eliminei os nomes das pessoas da minha família. Assim fica registada a minha vivência e a da minha família durante estes últimos meses. Espero também que me desculpem de algum erro que encontrem e agradeço a sua correção.

Incluo também um pequeno número de fotografias, com indicação a que texto se referem.

J. B.

¹ As crônicas incluídas neste volume constituem a primeira metade de duas partes deste “Diário da epidemia” a serem publicadas pela *Gávea-Brown*.

Nunca na minha vida escrevi de propósito para um Diário. Assim de repente, pensei que, a partir de hoje, 19 de Março de 2020, poderia tentar alinhar umas frases todos os dias, apenas uma meia-dúzia delas ou quando muito dois ou três parágrafos, para ir registando os acontecimentos que envolverão a nossa vida de súbditos às nuances ou ocorrências desta Epidemia.

... Para que, no futuro, possa recordar factos, situações e conversas.

MARÇO 19, 2020

8.40 PM

O que despoletou esta minha ideia foi o anúncio, há poucas horas, do Governador da Califórnia em ordenar às pessoas que, a partir de amanhã, não saiam de casa. TODOS! Ficará o Estado completamente “fechado”, à exceção de supermercados, farmácias, hospitais e pouco mais.

Por minha parte, já venho respeitando esta regra há dias. Ontem até pedi ao meu patrão que me dispensasse pelo menos pelo período de um mês. Nem sei o que vai acontecer à Loja onde trabalho, se cumprirem a ordem do Governador, a Loja vai ter que fechar.

Hoje havia muita gente nos trilos, pais acompanhados por crianças que, com as escolas fechadas, requerem mais atenção e cuidados. Continua também a guerra nos corredores dos supermercados. Por enquanto ainda não precisei de fazer compras drásticas, temos o frigorífico bem recheado, mas há outros artigos que já nos vão fazendo alguma falta. Terei que planear uma visita e preparar-me para umas horas de espera e de inquietação.

O que nos tem custado mais, desde que começou esta trapalhada: o afastamento dos netos e das filhas, principalmente da Lisa, do Dominique e da Mia Isabel. A Carla e a Olívia, agora a viver aqui ao lado, estão mais à mão de uma conversa rápida. A garganta apertada, mas há que fazer este sacrifício, pelo menos para bem deles.

Hoje telefonei para a Terceira, falei com o meu irmão J.G. Situação comparável à nossa, atendendo à diferença geográfica.

Melhores dias virão!

MARÇO 20, 2020

10.00 AM

Aventurei-me a uma rápida ida ao supermercado. Tinha pensado ir bem cedo, às 6 da manhã, mas só lá cheguei às 7.30. Ouvi uma caixeira dizer que, às 6, havia uma fila bem grande em frente do edifício. E notava-se no interior, muitas prateleiras vazias, nem um ovo sequer! Há que fazer adaptações à dieta normal e, parece, já se notam diferenças em alguns preços.

A ouvir, em som de fundo, a conferência de imprensa diária que Trump e seus acólitos promovem todas as manhãs. O homem parece cada vez mais um papagaio num pedestal. Olha para todos os lados às cabeçadas, espera pelos piropos do vice-presidente e responde a eles com olhares de soslaio, antes de brigar com os repórteres das estações mais esquerdistas...

Todos os seus acompanhantes preocupam-se em afirmar que tudo é obra dele, que é o responsável por todas as ideias, que é o cérebro desta operação de resposta ao vírus. O que me parece, para já, é que ele nem precisava aparecer todas as manhãs. Já está a preparar a bandeja para receber os louros.

Na minha rápida saída nem me apercebi se houve diferenças de comportamento depois das novas normas propostas pelo Governador do Estado. A Loja onde trabalho está aberta, encontrei o mesmo movimento de carros nas ruas. Andando e vendo...

9.30PM

Conversei com a nossa Lisa. Foi fazer hoje um teste ao Coronavírus, por inerência da sua profissão e por ter um pouco de tosse. Parece estar tudo em ordem, embora só saiba resultados definitivos dentro de dias. Oxalá seja o primeiro e único teste a que sejamos sujeitos na nossa família.

MARÇO 21, 2020

7.30 AM

Primeiro dia completo de Primavera, deste Ano da (des)Graça de 2020. De propósito, não li nem ouvi notícias... ainda.

Fui direito ao quintal. Se o meu Pai estivesse ao meu lado, teria dito, “Está um dia fresco”. Primavera, nada de vento, mas no ar aquela frescura que se enche com o perfume das flores e com o cântico dos pássaros. A luz reflete-se nas gotas de orvalho encanteiradas nas lâminas da relva, projetando-se contra o azul celeste, cortado por riscos de desfeito algodão.

A Natureza nem se apercebe que nos envolve neste mistério, invisível e medonho, com garras do tamanho do Mundo. Que Natureza é esta, afinal... Mãe ou madrastra? Tela de pintor famoso ou precipício negro e infinito? Partitura dolentemente sensual ou maremoto violentamente catastrófico?

Serve-me o pequeno quintal de refúgio, em contraste com as paredes dos quartos e a luminosidade artificial dos ecrãs informativos. Amanhã será diferente o cenário na minha minúscula tela, verei a chuva escorrer nos vidros da janela, mas sei que o canto dos pássaros estará lá fora, pendente do regresso do sol. E haverá saúde!

7.00 PM

A Olívia veio trazer-nos umas fatias de bolo de banana. Serviram para acompanhar o prato de galinha com arroz que o Brandon cozinhou e nos veio trazer esta manhã. Mas quanto mais eu não preferia tê-los, todos, sentados à nossa mesa!

MARÇO 23, 2020

8.30 AM

Parece-me que já é há uma eternidade que escrevo estas entradas diárias, mas, afinal, este é apenas o quinto dia. Cheguei à beira da vedação metálica no quintal – diferente das grades de uma prisão apenas porque esta clausura é, tecnicamente, voluntária – e senti o vento-Sul no rosto. Abanam os ramos das árvores na parcela do vizinho. Se o meu Pai estivesse ao meu lado, diria “Está um dia arisco!”. Na escala de valores dele, a diferença entre um dia *fresco*, *arisco*, *porco*, *bonito* ou *ameno* poderia ser ínfima. Se calhar vão ser factos permanentes nestas notas, o meu olhar através da grade metálica e a “presença” constante do meu Pai e as suas classificações climatéricas.

Lá fora, no Mundo, tudo no mesmo. Lugares a piorarem, outros a melhorarem. Tenho *medo* que este contínuo *medo* se vá transformando em empatia, talvez mesmo em desleixo. Abaixaremos as armas, encolheremos os ombros, enfraqueceremos as defesas. Oxalá me engane. Quase que vejo isso na atitude do DDT (Desatrelado Donald Trump, o nome que uso quando me refiro ao Presidente americano), que hoje, no Twitter, diz que já está quase na altura de voltarmos ao normal, para bem do Stock Market. No Senado continua a discussão, os Republicanos puxam montes de dinheiro para meter no cu das grandes companhias e os Democratas aguentam-se com a finalidade de protegerem os trabalhadores e o sistema de saúde. Não é difícil de prever quem vai ficar por cima.

Valham-nos os gestos das crianças. Despoletou por aqui um movimento que pôs as crianças a desenharem e escreverem, com giz colorido, no pavimento dos “driveways”, mensagens de simpatia e de conforto. Algumas bem originais e artísticas. Até ouvi (mas não vi nenhuma ainda) que há gente que já iluminou as suas casas com as luzes de Natal. Penso que não será no sentido de festa, mas sim num elo de Esperança.

Dois dias seguidos em que a palavra *Esperança* me vem à ponta da língua...

MARÇO 29, 2020

4.50 PM

O sossego do meu pátio foi cortado pelo ruído da máquina voadora de um dos meus vizinhos. É uma daquelas motas com umas asas grandes, nem sei como aquilo se chama. Mas sei que faz um barulho desalmado e deixa desalmados os gansos canadianos. Aliás alguns deles já estavam num berreiro terrível e só depois é que vi por que era: um desavergonhado estava a tentar meter-se onde não era chamado, a perturbar a paz de um casal de seus confrades. Levou um arraial de pancadaria e safou-se, voando, diria talvez com a vergonha debaixo das asas. O vizinho também aterrou sem problemas e a calma voltou à ribeira e arredores.

Com o juízo meio roído pelo ruído dos patos e do aviador, decidi ir dar uma volta sozinho, já que a Alice não me quis acompanhar. Os céus não estavam muito seguros, ela não gosta de caminhar com ameaça de chuva.

Dei por mim, no outro lado da ribeira, em frente a uma arvorezinha que me chamou a atenção.

Roída de fresco, a árvore, estava como o tempo, não estava muito segura. Os labregos que fizeram aquele trabalho, não devem ter feito muito ruído porque sempre se aproveitam da calada da noite. E são pretos como tição, quando raramente os vejo, de dia, a nadarem só com os olhinhos de fora, eles desaparecem depressa. Amanhã tenho que lá passar, a ver se terminaram o servicinho. Imagino que são gulosos e imagino que aquele interior acastanhado da polpa do tronco lhes deve saber a... chocolates! Ou serei eu que já tenho o cérebro roído pelo ruído que me fazem nos miolos os pensamentos nos chocolates que ainda não fui comprar?

Ao abrir o televisor esta manhã, li a legenda por debaixo da imagem mesmo antes de levantar o som. E apaguei logo o televisor e não o abri mais. A legenda recitava uma opinião do agora famoso Dr. Fauci, o simpático velhote que nos ensina como proceder com este maldito vírus e que também tenta ensinar o DDT a ser mais cauteloso com aquilo que diz. Sem resultado, diga-se de passagem. Dizia então o cientista que calcula que deverão morrer entre cem mil a duzentos mil americanos vítimas desta Epidemia. É muita gente! Em percentagem, serão apenas qualquer coisa como 0.5 por cento da população, mas em números reais, é povo c’ma bicho!

Roído de raiva, tenho a certeza que, amanhã de manhã, o DDT vai fazer um ruído desalmado e até, quem sabe, afastar o Dr. Fauci dos microfones. Ele não quer que se digam (todas) as verdades. Não que seja mau dar umas certas esperanças ao pessoal, como o presidente tenta fazer, mas as esperanças têm que ser baseadas numa mínima dose de realidade.

[...]

MARÇO 31, 2020

8.30 AM

Ontem falhei no meu propósito de alinhar umas linhas diárias a memorizar alguns detalhes do nosso dia-a-dia desde que entrámos nesta quarentena.

Aqui estou, portanto, na manhã seguinte, a última do mês de Março. O dia de ontem foi um pouco preenchido de mais – pelo menos se comparado com as calmas forçadas das últimas semanas – mas isso não é desculpa, eu poderia muito bem ter usado uns minutinhos para redigir umas frases.

Conseguimos criar a coragem necessária – a necessidade obrigava – para sairmos do ninho e ir às compras. Preparámo-nos com luvas e máscaras, planeámos o percurso, para minimizar tempo e exposição e escrevemos uma longa lista de géneros e artigos que nos faziam falta. O facto mais saliente que notei foi que eu era o único com uma máscara (N95, for sure!) a cobrir a fronha! Mas não me importei, embora usar uma máscara não seja uma das coisas que me dê mais gozo, e isso já vem dos tempos em que era obrigado a fazê-lo quando tinha que passar horas seguidas a lixar paredes.

Notei os supermercados razoavelmente bem fornecidos. Claro que as falhas são sempre as mesmas: rolos de papel-higiénico e pacotes de toalhas desinfetantes. Conseguimos riscar praticamente todas as linhas da nossa lista e gastámos um monte de dinheiro, tanto quanto já não gastávamos nas compras normais de há muitos anos a esta parte. Assim, sem açabarcamentos estúpidos, podemos permanecer mais tempo sem sair de casa.

Ontem celebrámos o aniversário da Alice. Como sempre, ela nem se quer lembrar que faz anos e então quando a conta vai (felizmente!) crescendo, muito pior para ela. As nossas filhas, genros e netos não se esqueceram dela e cantaram os “Happy Birthdays” à distância, através de comunicação virtual. Recordei-me também que já passaram 48 anos desde o dia em que festejámos o 18º aniversário dela, numa sorveteria em Lisboa, com um saboroso banana-split de chocolate. O chocolate tem sido uma constante presença neste constante namoro. As viagens de fim de curso a Lisboa permitiam estes primeiros passos na vida dos jovens açorianos...

LOVE YOU, Alice!

[...]

Fui, como tinha pensado, ver o estado em que ficou a pequena árvore que as marmotas (ou lá o que é que elas são) tinham roído. Pobre da árvore, não resistiu aos maus tratos! Penso que não devo condenar os animaizinhos, eles só fazem aquilo que a Natureza os obriga a fazer. Nós, os Humanos é que invadimos o território deles e depois ficamos zangados quando vemos algo que não nos agrada.

Será que podemos falar do mesmo modo acerca dos vírus? Será que a natureza os criou para que pudessem ter algum benefício? Ou serão eles como que o nivelador da nossa espécie, o prato da balança que poderá pender a nosso favor ou contra nós?

Depois deste, haverá mais vírus, haverá mais árvores e mais lontras para as roerem. E haverá mais rapazes para saltarem de bicicleta na margem da ribeira.

E mais banana-splits para celebrarmos mais aniversários. Com muito molho de chocolate, de preferência.

ABRIL 1, 2020

3.45 PM

[...]

Contudo, quando penso em números, fico com a cabeça a andar à roda. Que calamidade temos entre mãos neste momento! Há quatro dias, escrevi neste Diário que os Estados Unidos tinham 100.000 infetados e 1.500 pessoas tinham perdido a vida; em apenas quatro dias, estes valores mais do que duplicaram: 212.000 infetados e 4.700 mortos. O dia ainda nem acabou, estes números serão maiores dentro das próximas horas. Só de pensar que, só hoje, faleceram mais de 870 americanos. Assustador! Infelizmente, não podemos escrever acerca desta Epidemia sem mencionar os astronómicos números. E eles vão piorar. E não podemos, de maneira nenhuma, deixar de atirar à cara desta administração o facto de não terem feito nada de jeito quando o problema começou a tomar corpo. Andam agora às

voltas, começam a tentar dizer que o assunto é muito sério, mas não admitem as coisas que diziam antes. Cambada de... mentirosos!

A vida não está fácil para ninguém, embora muitos nem se apercebam da gravidade da situação. Numa mensagem que recebi hoje de outro amigo, ele dizia-me como está a ficar preocupado com a sua esposa, que mostra sinais alarmantes de depressão e nervosismo. A mim, tem-me ajudado muito os momentos que passo no quintal e nas longas caminhadas que fazemos pela vizinhança. E, aqui e ali, vejo coisas que me fazem pensar que melhores dias virão. Na frente da casa de um vizinho estava um cabaz cheio de limões, à disposição de quem os quisesse levar. Eu agarrei quatro, eram bem grados e cheirosos... Na ribeira, também vejo sinais de que a vida continua, hoje encontrei uma grande família de cágados, coisa rara por estes lados. E, para me entreter, vou saltar a tal vedação metálica do meu quintal e começar a roçar as ervas daninhas que já estão a crescer em demasia. As florinhas que delas despontam dão um colorido engraçado à pequena ravina, mas são perigosas porque trazem muitos sintomas de alergias. Agora, não estamos em tempos de andar aos espirros!

Continuo a não ver ninguém a usar máscaras de proteção. O Estado da Califórnia está há dias pé atrás, pé à frente, sem saber para que lado cair sobre esse assunto. Eu acho que deveria ser, se não obrigatório, pelo menos recomendado. Sabemos que, nesse aspeto, os povos orientais têm uma cultura diferente da nossa. Estão habituados às máscaras e usam-nas com muita frequência. Mas, claro, na América, forçar alguém a uma nova rotina, mesmo que seja para benefício de saúde, é um cabo de trabalhos, levará muito tempo.

Mais depressa chegam os cágados ao outro lado da ribeira!

ABRIL 3, 2020

5 PM

A nossa filha Carla deixou-nos uma mensagem a dizer que a Olívia tinha passado o dia, por sua iniciativa, a colorir pequenas pedras e que, quando o pai chegasse do trabalho, queria que eles fossem com ela distribuí-las pelas casas da vizinhança.

Pois como agora somos vizinhos, pensámos que talvez nos ia calhar uma. Fomos vigiar à entrada e, de facto, lá estava uma pedrinha colorida, num vaso de flores. A Olívia e os pais já iam quase no fim da rua, mas ela resolveu vir atrás, só para nos dizer que a nossa era uma pintura de uma joaninha. Já aprendeu a manter uma certa distância e nem nos abraça...

Esta atitude da Olívia deu-me um toque na garante, não mais parei de engolir em seco. Tenho a certeza que a Mia Isabel, a outra nossa neta e prima da Olívia, se vivesse aqui mais pertinho também havia de arranjar maneiras de nos vir surpreender com as suas criações, ela que é mais inclinada para a doçaria. Talvez já não digo o mesmo do Dominic porque os seus treze anos já lhe deixam a cabeça cheia de outros interesses, o que aceito perfeitamente. Mas estas são as coisas que nunca vou perdoar a este Coronavírus e a esta forçada quarentena: o tempo que perdemos de convívio com filhas, genros e netos! Má-fogo te abraça, Epidemia estuporada!

[...]

ABRIL 4, 2020

4.30 PM

Voltou a chuva, com alguma intensidade. E está frio, eu pelo menos tenho os pés frios. Detesto ter os pés frios! OK, a culpa é minha, poderia ter calçado uns sapatos mais quentes, mas a malandrice não deu para mais. Daqui a pouco, ao jantar, bebo um copinho de vinho tinto e isto passa.

A Alice faz troça de mim quando eu protesto por sentir os pés frios. E tem razão. Ela, por seu lado, deve ter... as mãos quentes! Para se distrair e passar o tempo, este tempo lento e tristonho, ocupa-

se com duas coisas: ou lê ou põe-se a experimentar receitas. Ontem fez umas rosquilhas secas; hoje fez bolachas de chocolate e blueberry muffins. Ainda não provei nada, mas fiquei a saber, por informação do meu amigo Google, que blueberries se chamam, em português, mirtilos! Nunca tal tinha ouvido. Se calhar esse é um nome brasileiro, o meu pequeno dicionário de português nem traz essa palavra.

Não sei qual designativo usaria o meu pai para qualificar o dia de hoje. Está escuro, pastoso, chato, peganhento, eu sei lá. Só sei que não gosto nada de dias assim mas, para mal dos meus pecados, amanhã vai estar igual. É a Mãe Natureza a dizer-nos que ela é que manda e, se inventámos o adágio que diz que *um mal nunca vem só*, então tenhamos o proveito dele. Não bastava o não poder sair de casa por causa do maldito vírus, ainda temos que sofrer com a chuva em cima das costas. Afinal, que mal é que fizemos à Natureza?

Resta a consolação que terei umas bolachinhas e uns bolinhos de mirtilo (?) para degustar. E, quando a Alice se sentar a ler, vou fazer-lhe companhia, já que a cozinhar só sirvo para lavar a louça. Já li o «Tribuna Portuguesa» de ponta a ponta, mas tenho as minhas revistas do costume para ler e quero acabar o livro que está entre mãos, «A Long Petal of the Sea», de Isabel Allende.

Penso que vou ficar por aqui. Tentei (e consegui!) escrever estes parágrafos sem mencionar os horríveis números da pandemia e sem criticar a atuação da Administração Trumpista. Já foi uma vitória para mim. Não que não me faltassem assuntos, mas não quero encher a boca de fel. As papilas gustativas estão de quarentena, à espera dos sabores dos mirtilos e do chocolate.

Até amanhã. BE SAFE!

ABRIL 7, 2020

8.10 AM

[...]

Pois ontem até bem tarde, não consegui que o meu juízo produzisse algum tema que valesse a pena trazer ao Diário. De repente, à hora do jantar, a Carla telefonou a dizer que tinham encomendado uma pizza, mas como havia uma promoção, acabaram por receber duas em vez de uma, se queríamos umas fatias. Não quisemos ser desagradecidos e a Alice teve logo uma ideia: “Acabei de fazer um tabuleiro de enchiladas. Troco duas enchiladas por duas fatias de pizza. Tá bem assim?” Claro que estava. Eu pensei que até nos poderíamos encontrar a meio caminho, no canto da rua, cada um com a sua porção de comida e aí mesmo fazíamos a troca.

Afinal acabei eu por fazer a viagem de ida e volta. São só três minutos e é a andar devagar. Eles comeram pizza com enchiladas e nós comemos enchiladas com pizza! Cada um nas suas casas, infelizmente. Nem deu para me inteirar bem como é que a Olívia ficou com um olho negro, “Não para quieta, deu com a cabeça contra a parede”, respondeu a mãe e ela, Olívia, acrescentou, trocista, “E foi mesmo à hora de ir para a cama!”, sabendo perfeitamente que é a hora de estar calma e preparar-se para o repouso noturno. Ainda a meio do caminho, tive que contar a estória a uma vizinha que, sentada no seu alpendre, indagou o que é que eu andava a fazer de um lado para o outro, a transportar comida.

[...]

Só mais uma pequena nota, que não quero deixar sem menção. Recebemos a visita dos Bendito-Rodrigues. Eles pararam o seu pick-up em frente da nossa casa e, sorrateiros, foram dar um passeio pelo trilho que eu e a Alice usamos todos os dias. A Mia Isabel pedalou na sua trotinete e o Dominic deve ter visto pouco da paisagem, sempre de capucho na cabeça e com os olhos enfiados no telefone. Mas disseram que gostaram da caminhada e tiveram gosto em ver o primeiro rebanho de cabras, que já anda lá longe, no fim do trilho.

Depois bateram-nos à porta e lá fomos, distanciados e tristes, manter um bate-papo durante uns largos minutos. Estariam, agora, em férias da Páscoas da escola e tinham planeado uma viagem à Disneyland que, claro, tiveram que adiar. Quantas outras coisas não tiveram que ser adiadas nas nossas vidas? Quando voltaremos ao normal das nossas rotinas?

E, principalmente, quando poderemos voltar a abraçar e beijar os nossos amores?

ABRIL 8, 2020

8.30PM

Aqui estou, outra vez um pouco tarde, mas mais vale tarde do que... amanhã!

Pelo menos faço hoje o que tinha para fazer hoje. Smart guy!

Vamos dar uma volta ao passado: O meu tio-avô Cirino e o irmão dele, o meu avô Guilherme, eram uns tipos espertos. Talvez por isso ficaram com a alcunha dos “Ratos”, que lhes assentava bem. Já ouvi duas versões porque eram conhecidos dessa maneira. Dizem uns que um familiar deles, talvez um tio, tinha uma deformidade na boca, de modo que os dentes lhe saíam pela boca fora, tal qual um rato; por outro lado, há quem os conheceu bem e que afiança que eles, ainda rapazes novos, apanharam a alcunha porque eram malucos para irem para o calhau e, como ratos, procuravam coisas que davam à costa, principalmente troncos de árvores ou pedaços de madeira que até poderiam ter tido origem no outro lado do Atlântico, levados até à costa da Graciosa pelos ventos e pelas correntes marinhas.

O meu avô Guilherme especializou-se como vinhateiro e cuidador de pomares; por seu lado, Cirino aprendeu o ofício de tanoeiro e esmerava-se também a construir violas e guitarras. Tinham pelo menos mais um irmão, Manuel, que imigrou jovem para a América, viveu no Oregon e depois na Califórnia a cortar madeiras. E tinham também três ou quatro irmãs. A Rosinha era professora, a Diolinda imigrou também para a América e a Ricardinha, bem essa foi beata profissional, passava o dia nas igrejas. Da outra irmã, Maria, eu nunca soube nada dela.

Mas, como é que eu me fui lembrar deles agora e que relação tem esta gente com o meu Diário da Epidemia? Pelo menos uma coisa é certa, todos eles sobreviveram a algumas calamidades, a mais forte delas a grande Epidemia da Gripe Espanhola, de 1918–19. E muitos dos descendentes deles ainda por aqui andam, envolvidos nesta Epidemia do Coronavírus. Do meu avô Guilherme, já não há filhos vivos, apenas todos os netos, à exceção de uma neta brasileira, que faleceu já há anos num acidente de carro; Ricardinha nunca teve filhos, foi apenas “casada com Nosso Senhor”, como ela gostava de dizer; de Diolinda, a filha Maria da Guia, muito velhinha e doente, ainda a sobrevive, em Peabody, MA. E de Cirino, restam Manuel, em Massachusetts e Reinaldo, que andou pelo Brasil e agora vive na Florida.

Ora bem, uma filha de Reinaldo, Anna, é doutorada e professora na Colorado State University. Através da irmã dela, Glória, vim a saber que a Anna já recebeu ordens dos seus superiores para começar a preparar as aulas do semestre de outono que, de novo, vão ter que ser ministradas à distância, isto porque os modelos de estudo do Coronavírus indicam que as vagas de propagação da Epidemia vão continuar durante mais cinco ou seis meses.

Dei esta volta toda na história da minha família para vos vir confirmar o que muita gente já desconfia: esta Epidemia está aqui para ficar. Vamos ter que lidar com ela por muito tempo, com todas as consequências que isso acarreta. Espalhou-se por todo o Mundo esta serpente invisível e traiçoeira. Até na ilha Graciosa, uma ilha tão pequena e isolada, já foram detetados 3 ou 4 casos de contaminação... Toda a gente traz às suas páginas do Facebook os últimos resultados de números de vítimas, as últimas estatísticas, as mais recentes notícias – boas ou más – e até as mais variadas anedotas e memes, algumas sem graça nenhuma. As senhoras mais inclinadas para a doçaria, empanturraram as suas páginas com centenas de receitas de bolos e pudins; os músicos, amadores ou não, cantam-nos os seus mais recentes temas, a contar-nos das suas nostalgias; e os poetas, esses leem-nos poemas

sentados nos seus sofás ou recitam versos com a cabeça metida quase dentro dos telefones celulares. Adaptamo-nos a esta realidade e, segundo dizem os especialistas da Universidade onde a Anna, a neta do Ti Cirino leciona, vamos ter que seguir com esta ladainha meses a fio.

ABRIL 9, 2020

4.30 PM

[...]

Anda por aí uma discussão grande sobre remédios que poderão ser milagrosos para combaterem a Epidemia. O nosso presidente é grande fã de um deles, nem sei pronunciar o nome. Já há quem diga que ele ou membros da sua família têm ações na companhia que o fabrica, o que, na verdade não me surpreende a razão por que ele anda a fazer tanta força. Por outro lado, se o dito cujo remédio for aprovado e se prove que foi a salvação de muita gente, o homem então vai querer colher os louros da vitória, embora eu me pareça que ele está a apostar forte e feio, a pôr todas as fixas na mesa, num produto que, até agora, ainda não mereceu a aprovação dos especialistas. Durante a História da humanidade, muitos foram os remédios e as técnicas de tratamento que usámos e depois passaram ao esquecimento ou descobriu-se que não faziam bem nenhum.

Lembrei-me de trazer para aqui uns parágrafos de uma das crónicas que escrevi já há anos, onde falava de ventosas e clisteres. Vamos recordar:

“... Mas vejo uma diferença muito grande em relação ao tempo em que a minha Mãe, para nos tirar a febre do corpo e a tosse dos pulmões, nos aplicava meia dúzia de ventosas no peito ou nas costas. Estas modernas não usam chamas ardentes para se apegarem à pele, ao contrário das antigas. E era isso que eu tinha medo que me pelava! Ao ver a Mãe meter um pedacinho de algodão embebido em álcool e chegar-lhe um fósforo, eu e os meus irmãos tremíamos ainda mais. Depois, passado o susto, víamos as carnes a crescerem para dentro da ventosa e a pele a escurecer, a escurecer... Quando era altura de as tirar, discutíamos a ver qual tinha ficado com a maior empola. Até hoje ainda duvido da sua utilidade, nunca dei por terem feito algum bem, embora a minha Mãe jurasse pelos seus benefícios.

Contudo, eu antes preferia a aplicação das ventosas ao uso dos clisteres. Aí sim é que eu penava os olhos da cara, para ser simpático e não mencionar o outro olho. Só de ver aquele frasco cilíndrico de vidro, com uns riscos para marcar a quantidade de líquido e uma mangueira de borracha ligada a um corninho preto com uma torneira, dava-me quase para desmaiar. Tal tormento! Sentir aquela água quente, muitas vezes misturada com malvas, a percorrer-me as tripas e estar ali o mais quieto possível, era mesmo uma tortura. Ao que uma criança se sujeitava. Era tudo feito com boa intenção, baseado nas práticas e crendices antigas, mas lá que era um martírio, lá isso era.

Uma vez por outra os meus protestos eram atendidos. Então, em vez dos clisteres, a Mãe usava o saco da água quente em cima da barriga. Desse eu já gostava mais, dava um aconchego muito suave, apetecia sentir aquele calorzinho contra o corpo, para mitigar o desconforto e as dores.

O saco da água quente – um saco de borracha com uma rosca preta a servir de tampa – servia também para aquecer os pés nas noites frias de Inverno, quando não havia cobertores que ajudassem. Cheio de água (quase) a ferver, deixava-se uns minutos entre os lençóis, antes do pessoal se deitar. Ia-se passando de cama em cama e renovando a água com outra acabada de aquecer na chaleira de ferro no fogão de lenha. Era o consolo dos pobres!”

Vejam lá o que uma pessoa penava, naquele tempo! Não tenho saudades nenhuma daquelas ventosas e muito menos dos clisteres. Imagino que, quando tiver a minha idade, o Dominic também não vai sentir saudades nenhuma dos dias que passou, prisioneiro em casa, sem poder sair e conviver com os seus amigos. Tudo por causa de um maldito vírus, uma das piores desgraças que atingiu a nossa geração. Que nunca nos falte a *Esperança* em melhores dias.

ABRIL 12, 2020 – DOMINGO DE PÁSCOA

10 AM

Gostaria de ter levado um foliar de massa, com um ovo dentro, para cada um dos meus netos, mas não os há à venda pelos meus lados.

Ainda me lembro que, quando a minha mãe já não os cozia, o meu pai encomendava-os na Padaria Angrense e, entre os grandes e “porfeitos”, alguns com três ovos, vinham sempre cinco pequeninos, um para cada um dos filhos. Era (e é) um dos meus pitéus preferidos: uma fatia de foliar da Páscoa, bem barrada de manteiga e acompanhada de dentadas do ovo que tinha sido cozido mesmo no foliar.

Em vez de foliar de Páscoa, vou levar-lhes um coelho de chocolate, dos mais banais que há, talvez feito na China. Essa tradição(?) dos ovos pintados e escondidos por um peludo coelho, não entra cá bem na minha cabeça. Mas é o que esta gente gosta de ver neste dia, por estas bandas.

Hoje o percurso de passeio foi diferente. Espero que o meu trilho nos perdoe a traição, aproveitámos uma passagem rápida por casa da Lisa – para ir deixar o coelhinho ao Dominic e à Mía Isabel – e fomos experimentar um lugar lá perto, um trilho que foi aproveitado nos terrenos de um antigo campo de golfe. Nada de especial, mas é lugar para regressar, contudo terá que ser pela fresquinha da manhã, já que é lugar com poucas árvores.

E agora é altura de ir até ao pátio e sentar-me a ler um pouco. O meu pátio também se deve estar a sentir algo abandonado, já há dias que não aproveito para escutar os pássaros e ver os voos dos gansos. Esta manhã, fui até à beira da grade de metal e ali estive uns minutos, só a ouvir o único melro que estava a balançar-se no mais alto galho da árvore que me fica mesmo em frente. A água corria de mansinho, nem fazia ruído, apenas notava o seu movimento porque via uma pequena ondulação, como se alguém tivesse atirado uma pedra e daí resultassem uma série de círculos concêntricos que se desfaziam nas margens. Nem vi nenhum ganso, devem estar atarefados nos derradeiros cuidados do choco, mais dia menos dia começam a aparecer mais ninhadas. Ou estão a ver se lhes nascem os filhotes antes que o rebanho das cabras chegue a este lado.

No trilho não passava ninguém àquela hora. Num dia de Páscoa normal, as pessoas deveriam estar nas igrejas; hoje, estavam a aproveitar mais uns minutos de sono. Lá dentro, já ouço a Alice a levantar-se, está na hora de ir pôr a mesa e preparar a fruta para o pequeno-almoço.

Tal pena não haver um foliar, com ovo dentro... manteiga eu tenho!

Acabei de “postar” no Facebook um comentário com duas fotografias. Uma de 2016, com os meus netos, sentados no meu colo; a outra, de hoje, a imitar a mesma posse, mas apenas comigo a segurar fotografias deles. Vamos a ver se, para o próximo ano, conseguimos repetir a de 2016 e, quem sabe, se fazemos disso uma tradição. Pelo menos enquanto eu tenha força nos joelhos para os aguentar!

O Facebook, no meio da porcaria que por lá crassa, dá-nos, de longe em longe, uns relâmpagos de clarividência e de descrição. A Carla partilhou connosco um pequeno texto que alguém lhe mandou. Diz assim:

“just talked with my mom, who is 84 and has advanced dementia, on the phone. She told me at the end of the conversation, «I think about you when I’m not even thinking», which I thought was a pretty profound way to express how we feel about those we love”.

Thanks, Carla. Love you too!

ABRIL 19, 2020

2.30 PM

Quero crer que o Diário de hoje vai ser muito curto.

A não ser que isto comece a desenrçar por caminhos que não estão agora no meu destino.

Fizemos mesmo vida de Domingo. Eu ainda acordei cedo, mas a patroa deixou-se levar pela malandrice até mais tarde. No silêncio da manhã, respondi a emails de alguns amigos, li jornais e mexeriquei no Facebook. Neste último, não aprendi nada, é sempre a mesma mixórdia de entradas e comentários. Há alguns dos meus “amigos” que eu nem preciso ler o que eles “postam”, é sempre a mesma coisa. Se calhar eles dizem o mesmo em relação àquilo que eu ponho à disposição. Por isso tenho participado pouco, coloco as minhas crónicas, geralmente espaçadas em duas semanas ou ponho um likezinho aqui e ali.

ÁH, esquecia-me de dizer, nem sequer fomos dar a volta do costume. Talvez eu vá sozinho mais tarde, depois do jantar. Esse mesmo (o jantar) também vai ser improvisado hoje, “Temos que dar apoio aos restaurantes que estão a viver com dificuldades”, diz a Alice, como que a desculpar-se de não haver jantar feito em casa. Por minha parte, não há problema, problema seria se eu me visse obrigado a ter que cozinhar o jantar. Ia sair uma coisa bonita!

Portanto, fomos cedo para os poisos do quintal. No céu, uma pequena quantidade de nuvens algodoadas tapava o sol a espaços, criando uns minutos de momentânea quebra de luz e originando uns arrepios de frio que incomodavam os cabelos das pernas, aquecidos que estavam pelos raios do Rei Sol.

O sossego, cortado pelas correrias loucas da «Tixa» e da «Liza» (as lagartixas residentes no nosso quintal), era também perturbado pela algazarra momentânea de ciclistas e caminhantes no trilho, mesmo abaixo do quintal. Estive a ler um artigo na última edição do «National Geographic», uma muito boa descrição da viagem em carros elétricos que dois jornalistas fizeram através da Route 66, desde Santa Monica, Ca. até Washington, DC. Pensei que seria uma viagem que eu gostaria de fazer um dia, mas é melhor esperar que a Epidemia desapareça e que os carros elétricos venham a ter mais autonomia, para não estar sempre preocupado à procura de um carregador apropriado.

E, por outro lado, era a minha leitura interrompida pela senhora minha acompanhante que, quando lia, nos jornais celulares, um título que ela achava pertinente, lá mo anunciava para eu ficar a saber também. Como hoje é “dia santo de guarda”, como se dizia antigamente, as notícias não são em catapulta, como acontece nos dias de semana. Pelo menos temos essa pequena brecha, embora a calma seja aparente, já que, em muitos lugares dos EUA e do Mundo, continuam a morrer pessoas em quantidades impressionantes, contra a vontade de doutores e outros técnicos de saúde que se esforçam para salvar mais vidas.

Como já assinaei em diários anteriores, andamos por vezes num vaivém de pequenas porções de comida de nossa casa para casa das filhas e vice-versa. Hoje, num pormenor que sempre nos toca onde sentimos mais, a Carla veio trazer-nos um pequeno jarro com algumas flores que colheu mesmo na frente da sua casa. Rosas amarelas, vermelhas, brancas... e bem cheirosas. Com gestos destes, fico com a certeza de que, por mais terrível que seja esta Epidemia, há sempre lugar para o amor familiar.

Hoje não me apetece dizer mais nada. A Carla disse tudo.

ABRIL 21, 2020

8.45 PM

ÉH pá, já é tarde que mete medo!

Tem sido um dia intenso. Foi até o dia em que nos levantámos mais cedo, desde que... desde que nos andamos a levantar tarde! E desde que não tenho ido trabalhar, já há cinco semanas. A intenção era ir aos grandes armazéns do Costco e atafulhar as despensas. Estas condições de semi-prisioneiros já nos habituou a concentrar as compras, de forma a diminuir as idas às lojas e evitar exposição a infeções. Sabíamos que a loja abria às 8, de forma que saímos às 7.30 e, ao chegar lá, deparámos com

uma multidão enorme, já dava umas voltas no parque de estacionamento. Mas andou depressa, não enfadou muito. O caminhar lentamente, a passo de caracol, fez-me parecer o andamento de uma procissão, até disse à Alice que devia de ser “DIA DE SÃO COSTCO”, e o povo estava a participar na procissão do “SENHOR DOS CARRINHOS” (das compras). Ninguém usava opas ou carregava andores, a única peça de vestuário comum a (quase) todos os fiéis penitentes eram as máscaras brancas a tapar as fronhas.

Depois dessa, e no caminho de casa, ainda parámos noutra loja, a gastar umas dezenas de dólares em mais uma dúzia de miudezas. Um dos problemas que esta Epidemia me atirou para cima das costas foi o crescimento da parte da frente das ditas costas. O raio da barriga tem crescido à proporção da quantidade de comida que há em casa. E olhem lá que nem temos tido muitos chocolates, esses não podem ser considerados culpados. A sério, uma das causas tem sido a maior quantidade de tempo que tenho passado sentado ao computador a alinhar este Diário. E também a falta de ir para o trabalho, passear para baixo e para cima ao longo dos corredores da Loja.

Uma coisa mais, para fechar este Diário de hoje. Finalmente chegou o dia da publicação digital do # 41 da Revista da Gávea-Brown. A pedido do Dr. Onésimo Almeida, enviei para lá uma crónica a contar a história (romanceada) da vida do avô do meu amigo Tony Machado, o jovem graciosense que andou a balear pelos mares do Alaska e que acabou por se fixar no Hawaí. Levou uns meses, mas acho que valeu a pena, a revista está recheada de bons artigos, todos de gente das escritas – menos eu, simples cronista de meia tijela – alguns mesmo “sumidades” a nível nacional. Fico contente de estar assim a ombrear com tão douta gente, mas, modéstia à parte, tenho que dizer que me orgulho do meu trabalho, esta estória, mesmo com alguma falha que possa conter, foi das melhores que escrevi.

E pronto, ponto final por hoje. Amanhã temos que levantar cedo de novo, a Alice quer ir dar um passeio às margens do American River, em Auburn. Se calhar...

De repente as ideias mudam com o sono da manhã.

ABRIL 25, 2020

8.30 PM

Foi a primeira vez que aconteceu nestes trinta e poucos dias de Diário da Epidemia.

Ontem esqueci-me de escrever!!!

Já estava na cama, a ler o «National Geographic» quando me deu a pancada. Ainda estive para me levantar e vir cumprir com a obrigação. Mas, pensei, eu não fiz promessa a ninguém de que tinha que manter esta assiduidade, apenas, quando enunciei as normas com que me ia reger, eu disse que tentaria ser pontual. Aliás, já não é a primeira vez que acontece e não veio mal nenhum ao Mundo.

Portanto, hoje fazem-se duas (entradas) em vez de uma. E vão ser rápidas porque... doem-me as costas.

Não sou muito dado a essas maleitas, trabalhei muitos anos num trabalho que me fazia puxar pelos costados e nunca me queixei muito. Tive sorte, alguns dos meus colegas “sheet-rockers”, homens até bem mais valentes do que eu, ficaram empandeirados para o resto da vida. Ok, não vou falar agora do meu passado de trabalhador da construção, ficará para outra altura. Mas posso dizer que a leve indisposição muscular que agora me aflige, vai passar depressa. A que se deve? Pois estive todo o dia a trabalhar – se é que se pode chamar aquilo trabalho – no projeto dos medidores de altura para as netas. Comecei anteontem, como anotei nesse dia, num que seria destinado à Olívia. A meio-caminho, reparei que a tábua estava torta, não se ia acomodar bem à parede. Mas continuei, apenas com a

intenção de ver como ia ficar. A Carla aprovou, mas sugeriu que deveria usar uma tábua um todo nada mais larguinha. Então pensei que, como ia começar de novo, porque não perguntar se a Mia Isabel também gostaria de ter uma. Que sim, ela vai gostar de ter uma. E pronto, fui comprar mais uma tábua e fui fazendo as duas lado a lado. Resultado: fiquei derreado, mas satisfeito. Se as “clientes” não gostarem, não faz mal, pelo menos tive um dia bem ocupado e, na verdade, não tenho intenção de passar o resto da vida a pintar tabuinhas.

Ora bem, o dia inteiro de garagem serviu para comemorar o 25 de Abril à minha moda. Para começar, nem ouvi notícias da Epidemia, não sei se o DDT e sua corte continuaram a inventar mais desculpas para se defenderem das atribuladas poucas-vergonhas que ele deixa escapar pela boca fora. Vim ao escritório e acartei para a garagem o gira-discos e passei o dia a ouvir os antigos baladeiros portugueses do ante e pós-Revolução dos Cravos. Algumas daquelas músicas eu ainda sou capaz de as cantarolar sem me enganar, são mesmo peças de grande qualidade musical. Não estou dentro do panorama musical português da atualidade, mas desconfio que haja gente como aquela. Outros tempos, outras músicas. Ou como dizia um dos cantores, MUDAM-SE OS TEMPOS, MUDAM-SE AS VONTADES.

Resumindo, foi um dia bem passado. Não incomodei a Alice, que se consolou sem eu estar a sarilhar à sua volta e fiz alguma coisa de jeito. Isto é, se o produto passar a inspeção das minhas clientes...

E agora vou deitar as costas na posição horizontal. Boa noite.

ABRIL 30, 2020

8.30 PM

Tinha muita coisa para dizer hoje, mas vou tentar ser breve.

E nem estou a pensar em “atirar-me” ao presidente e à administração, mesmo atendendo a tudo o que estou a ouvir na TV em background, um rosário de misérias que me fazem sentir o estômago embrulhado. Voltarei, talvez, a esse aspeto amanhã, conforme a disposição.

Nem sei se escrevi ontem que pensámos, eu e a Alice, ir hoje ao tal parque em Auburn, que já está nos nossos planos há dias. Levantei-me bem cedo, fui-me preparando, mas como não ouvi movimento vindo do quarto de cama, desconfiei logo que ela tinha adormecido de novo. Fiz as malas e abalei sozinho.

A viagem para o meu destino não é muito longa, à roda de uns 40 minutos. Só que, a meio caminho, o carro “disse-me” que o pneu do lado esquerdo, atrás, estava a perder ar. Saí da autoestrada e vi que o pneu ainda tinha ar bastante, contudo detetei um parafuso bem espetado na borracha. Se não fossem as novas tecnologias com que os carros modernos estão equipados, eu só ia dar por isso quando o pneu estivesse todo vazio. E, voltando a fazer uso de tecnologia moderna, procurei no Google, no telefone, onde havia uma garagem para reparar a roda. É mesmo aqui perto, viras à direita e depois à esquerda.

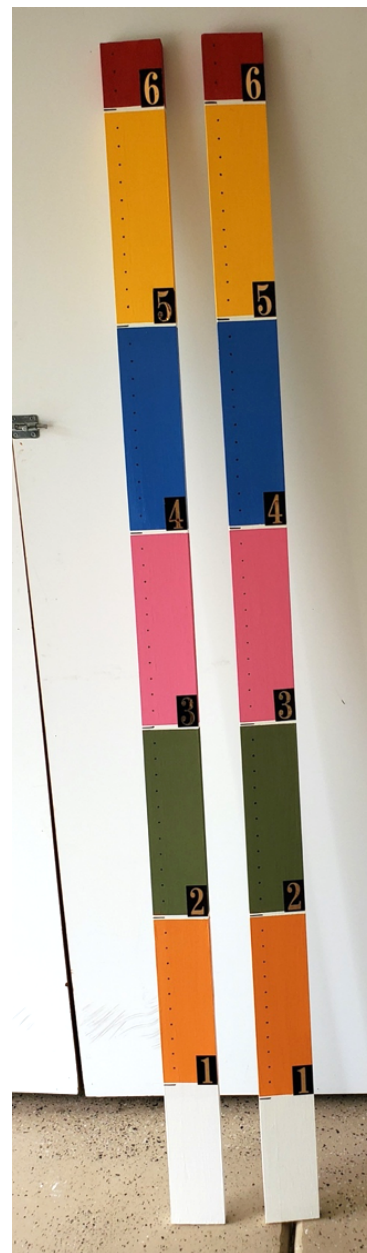


Figura 1. Tábuas para medir o crescimento dos netos

Levei uma tampa, na garagem. Que estamos muito ocupados, vai demorar duas horas para te arranjar o pneu, disse-me o empregado, bem refastelado contra o balcão. Experimenta aqui logo abaixo, há outra oficina. E lá fui, já com poucas esperanças e a ver o ar a escapar-se na roda. Sempre tive mais sorte. O funcionário disse-me que os mecânicos estavam todos a tomar conta de outros carros, mas que ele próprio ia fazer o serviço. E assim foi, em dez minutos estava pronto para seguir viagem, não sem ter dito ao amável funcionário que gostaria de ter a garagem dele perto da minha casa, passaria a ser seu cliente.

Passei pela baixa da aprazível cidade de Auburn e desci a sinuosa estrada até à confluência dos dois braços do American River, uma zona muito procurada por caminhantes e ciclistas de montanha. Aqui levei a segunda tampa do dia, eu tinha pesquisado ontem na internet e julguei que ia estar tudo em ordem. Contudo, mal me ia aproximando do meu destino, fui vendo as barreiras que bloqueavam o acesso aos espaços, nas bermas, onde se pode estacionar, já que este parque não tem estacionamento próprio. Desiludido, resolvi conduzir um pouco mais para norte, só pelo prazer de disfrutar da paisagem de uma bonita estrada. E, desta vez, tive sorte, dei de caras com a entrada para uma zona de trilhos onde, recordei-me, eu já havia estado há anos. Só estavam dois carros à entrada. Conversei com um casal que vinha de saída e, pelo que eles me disseram, a entrada era grátis e não encontraram ninguém nos trilhos, que tivesse cuidado para não me perder. Perder-me, eu???

Meti-me a caminho e fui, no início, regalando os olhos com as cores da natureza. Clicava fotografias, ora com o telefone, ora com a minha velhinha Canon. O dia estava mesmo no ponto, não muito calor, mas com uma luminosidade perfeita, quase que não havia sombras. O amarelo das papoilas brilhava contra o verde da vegetação e contrastava com o azul de outras flores silvestres. Troncos caídos e já a apodrecer lembravam-me que a vida e a morte também passam pela floresta. Imagino que muitos destes carvalhos já serão centenários e não há sinais de ter passado fogo por esta mata. O silêncio era completo, apenas os meus sapatos, a resvalarem nos vermelhos cascalhos do trilho, produziam ruídos que afugentavam as centenas de borboletas pretas que esvoaçavam de ramo em ramo. Confirmei a tal teoria que diz que o bater das asas de uma borboleta aqui, pode causar uma tempestade na China. Eu não sentia o movimento no ar mas via, quando se juntavam duas ou três numa espiga de verdura, ela balançava mal as borboletas se mudavam para outro poiso.

Cheguei ao alto de uma ravina e desfrutei de uma vista maravilhosa sobre o rio, lá em baixo, no fundo do vale. Fiquei com pena de não ser pintor, este era o lugar ideal para um artista criar um soberbo quadro. E tive pena também de não ser um bom fotógrafo, para poder tirar partido daquilo que a Natureza ali deixava à disposição dos meus olhos... o azul do céu, o branco das nuvens, os verdes das árvores, o arco-íris de cores das flores silvestres, o vermelho do solo, o preto das borboletas...

Caminhei, a descer, pelo que eu pensava era o caminho que me ia trazer de volta à entrada. Mas, às tantas, parece que o trilho desapareceu debaixo dos meus pés. Fiquei à nora e resolvi regressar pelo mesmo atalho que vinha seguindo. O pior é que já tinha descido bastante e agora para trepar até ao cimo foi um cabo de trabalhos. Tive que ir parando à sombra das árvores, para recuperar o fôlego e descansar o tambor do peito. Felizmente não estava muito calor e eu tinha a uma garrafa de água bem fresca, mas deu para entender que, quando se tem 67 anos e 10 meses de idade, ir para um lugar destes sozinho não é boa ideia. Num instante pode acontecer uma caída, torcer ou partir um pé ou a “máquina” decidir que foi altura de ver o último rio, a última árvore, a última borboleta.

Tenho algumas fotografias para rever o lugar por onde andei. Não saíram mal, a Canon colaborou, assim como o telefone. Pena que só consegui captar uma borboleta.

Regressei a casa e dei por mim no meio de uma Epidemia. Durante três horas nem pensei nela, poderia ter ouvido notícias no telefone, mas preferi ensurdecer-me com o silêncio da luz do sol e com o perfume das papoilas. Os velhos carvalhos vão estar lá à minha espera. Os vírus que os possam tombar são diferentes dos que tombam os humanos.

Será que vou arranjar companhia para uma próxima visita?



Figura 2. American River em Auburn, Califórnia

MAIO 3, 2020

11 AM

Pois, para variar, temos uma notícia diferente: O Marco veio cortar-me o cabelo. Já estava mais do que a precisar, a lâ já era muita e saiu baratinho, nem gorjeta ele aceitou.

O cabeleireiro desenrascou-se bem, ele tem experiência de cortar o cabelo ao irmão, de forma que me senti confiante no resultado. Aliás, não deve ser difícil, a minha só tem metade do cabelo (ou menos ainda) do que uma cabeça normal. E foi a primeira vez que tive um genro a puxar-me pelas orelhas!

Parece que anda tudo na mesma onda quanto à vida nesta América. Continua a luta entre os “sim” e os “não”, os que se acham confiantes numa abertura parcial ou mesmo total da economia e os que pensam que ainda é prematuro tal aventura. Veremos o que vai dar. Claro que há Estados onde os números fazem crer que tudo está resolvido, que o vírus está controlado; mas noutros, os especialistas, mais preocupados, tentam explicar que esta Epidemia poderá renascer durante o Verão e Outono e com mais força do que se manifestou agora. Temos luta para muitos meses.

Está a chegar-me um cheirinho delicioso vindo da cozinha. Fui mexericar: vamos ter ervilhas guisadas com linguiça para o jantar! Hoje não é dia de festa, mas como a Alice só se resolve a cozinhar

esta iguaria lá de longe em longe, é o mesmo que ser dia de festa. Talvez será para celebrar o meu corte de cabelo! Se assim é, eu peço ao Marco para me vir tosquiar mais amiúde.

E cabelo? Onde é que o vou arranjar?

E ervilhas frescas, onde é que as vou arranjar?

Quero com isto dizer que o pitéu estava mesmo no ponto! A cozinheira, embora não execute esta receita há muito tempo, ainda não se esqueceu de como combinar e condimentar os elementos necessários para que o prato fique divinhal. Quando como ervilhas assim, lembro-me de duas coisas: primeiro, ainda tenho lembranças de quando acompanhava o meu avô José Bailhão aos “serrados” da Canada do José Albino e ele me explicava, para eu me sentir importante, que deveria deixar cinco ou seis ervilhas em cada coveta. Eu, também com cinco ou seis anos nessa altura, seguia atrás dele e fazia como recomendado. Gostava também de debulhar ervilhas, quando a minha mãe as cozinhava, eu consolava-me a abrir as vagens e passar o dedo para as separar e entornar dentro de uma pana.

A segunda memória que me trazem as ervilhas é de quando, já na Califórnia, íamos em passeio familiar ou, mais tarde, só eu e a Alice, até Half Moon Bay onde as comprávamos nas barracas dos produtores. Aliávamos o útil da compra de frutas frescas ao agradável de um passeio pela costa, para ver o mar e as gaivotas. Agora, metidos aqui no meio da Califórnia, tenho que investigar para saber onde posso comprar ervilhas frescas, apanhadas na hora. As que comemos hoje eram congeladas, mas, mesmo assim, bastante saborosas.

Pronto, já dá por hoje. Amanhã, segunda-feira, veremos como vai começar a semana que, por enquanto ainda não é de trabalho. Sei que o DDT aproveitou o fim de semana para se estender com várias dezenas de Tweets destinados aos seus apaniguados e a provocar e ofender os opositores. Nisso o homem é mestre. Deve ter seguido o conselho do meu avô, mas como não entende português, pode ter percebido: “Deixa cinco ou seis *mentiras* em cada coveta”.

MAIO 8, 2020

3.45 PM

[...]

Daqui do sossego da minha “caverna”, posso ouvir o sossego do resto da casa. Da sala-comum, o silêncio (afora o zum-zum do AC) é cortado apenas pelos bocejos da Alice que, invariavelmente quando se senta a ler a meio da tarde, dá-lhe sono. Esta noite passada ela dormiu bem, ao contrário de ontem, quando acordou bem cedo com o estafermo do cão do vizinho a ladrar às 6.30 da manhã! Fui lá fora e pendurei-me na vedação, a gritar bem alto, a dizer ao cão que se metesse em casa, que era ainda muito cedo para estar a ladrar aos patos. A conversa não era para o cão, que não me entende, mas dirigida aos papalvos dos vizinhos. A culpa não é dele (cão) mas sim dos seus donos. Já lhes pedi várias vezes que não deixassem o cão vir fazer o xixi matinal tão cedo, mas eles distraem-se. Os meus vizinhos falam com este cão como se ele fosse um filho, o que não me incomoda nada. Contudo, se pensam que o cão é assim tão esperto, então deviam ensiná-lo a usar o sifão do quarto de banho. Ou aprender a ver as horas...

A meio da manhã, a Alice disse que estava a pensar fazer umas fajitas para o jantar, mas que ia desistir porque lhe faltava um pimentão-verde. Prontifiquei-me logo para o ir comprar, era a desculpa para ir dar uma volta. Passei primeiro pela casa da Carla e deixei, no Castelo das Fadas da Olívia, uma bugiganga. Ela construiu, cortando um garrafão de plástico e decorando-o com stickers coloridas, um Castelo onde as suas Fadas lhe deixam pequenas lembranças. Eu penso que ela está desconfiada que eu sou uma das fadas, hoje deixei lá um aparador em forma de peixe. Talvez mais tarde a mãe vai trazê-la aqui à porta e ela, com os olhos cerrados e o nariz torcido de desconfiança, vai perguntar-me se eu é que fui lá fazer o depósito. E eu consolo-me com estas brincadeiras. Vou ter que o fazer com

cuidado porque não quero que ela se deixe levar numa onda fictícia e depois tenha uma decepção. Já basta a estória do Pai Natal e do Coelho da Páscoa.

Ia-me esquecendo de dizer que, em vez de ir ao mercado mesmo aqui ao pé de casa, fui ao que fica bem perto da casa da Lisa e assim, por *distração*, fui lá bater à porta dela e entregar à Mia Isabel um saquinho com biscoitos que a Alice fez e um aparador igual ao que a “fada” deixou à Olívia. Com a Mia Isabel a brincadeira das fadas já não pega. E com o Dominic muito menos, estava ele era atarefado com problemas de matemática e... a crescer! Como o vejo agora poucas vezes, parece que o rapaz está cada vez mais alto e com o bigodinho a escurecer. Carne nos ossos é que não se vê nem pisca!

No supermercado passou-se um episódio que já não é a primeira vez que me acontece, nestes tempos de caras tapadas com máscaras. Até já não me lembro se relatei aqui nos Diários quando me aconteceu a primeira vez. Cruzei-me com uma senhora, sem máscara, que estava a olhar para os tomates enquanto eu escolhia os pimentões verdes. Ela sorriu para mim e eu disse-lhe que também tinha sorrido de volta, talvez não se notasse por causa da minha proteção facial. A senhora disse-me, simpática, que tinha reparado nos meus olhos que eu não ignorei o cumprimento dela. Lembrei-me disto quando, durante o jantar, vi uma reportagem na TV que documentava que muitos doutores e enfermeiros colaram fotografias suas nas batas e equipamentos de proteção, para que assim os seus doentes os possam identificar, já que andam constantemente com as caras tapadas com máscaras. Outros profissionais de saúde até colaram fotografias nas próprias máscaras, de modo que se possa ver uma versão mais aproximada das suas caras. Grandes ideias que ajudam as pessoas a recuperarem melhor e a voltarem ao normal.

Com estas conversas de cães a ladrar, de castelos de Fadas e de sorrisos ao desbarato, esqueci-me de falar nas atrocidades da Epidemia. E tanto que havia para dizer!

Haja saúde!

MAIO 15, 2020

7.15 PM

[...]

Ora bem, descobri que hoje se celebra o Dia Mundial da Família. Estes Dias Mundiais disto e daquilo dão-me vontade de rir. Quase que aposto que os inventores destas celebrações foram as companhias que desenham e vendem cartões celebrativos aos milhões e toda agente compra para enviar ou oferecer. Mas também me está a parecer que essas companhias devem estar a ter grandes prejuízos porque os *memes* das redes sociais já devem ter ultrapassado os cartões reais em quantidades e até em qualidade. Para não ficar atrás dos outros, aproveitei para *meter* mais uma dezena de fotografias das minhas filhas e netos, num álbum dedicado à minha família e assim ficou a celebração feita.

Já o escrevi aqui que espero que as mudanças que este Coronavírus veio trazer às nossas vidas não se vá refletir num afastamento ou num descurar das relações entre familiares. Estamos, momentaneamente, espero, distanciados e com poucos contatos, mas havemos de retornar a convivência e as trocas de abraços e beijos. Porque senão, a nossa história familiar vai toda por água abaixo! Em resposta a um comentário do meu primo Fernando brasileiro, eu inventei mais um provérbio. Já outro dia inventei um – “Sábado Encalorado, Corpo Alagado” – se calhar ainda vou arranjar um trabalho numa dessas companhias de cartões. O de hoje dizia assim: “Família Unida, Vitória Garantida”. Poderei substituir a palavra “Vitória” por outra melhor que me venha a ocorrer, mas por enquanto fica assim. Quem sabe “Felicidade”, ou “Alegria”... vou pensar nisso.

Neste Dia Mundial da Família, foram poucos os encontros diretos aqui à volta. Fui num pé e vim no outro, à casa da Carla, para ver como vão seguindo as obras no quintal dela. Falei de raspão com a Olívia, que até me disse que estava a preparar para amanhã o Dia de Apreciação aos Pais! Ela nem tem seis anos, mas já está a fazer-me concorrência para me roubar o trabalho de inventar cartões! Lá

estava atarefada, a desenhar bonecos coloridos, para fazer a decoração que tem planeada para surpreender os pais. Entretanto a Carla, como sempre, perguntou-me como vão as coisas aqui pela nossa casa, como está a mãe. E eu, ingenuamente, só respondi: “Nem sei se já trocámos alguma palavra hoje!” Eu e a mãe da Carla não somos de muitas conversas, entendemo-nos muito bem no silêncio, se não é preciso gastar palavras, pois fica assim mesmo. Até sou “acusado” de não ouvir quando ela fala comigo algumas vezes, mas isso é defeito antigo.

Do resto da minha família, a que está espalhada pelo Mundo, vou sabendo aos solavancos. Vigio as páginas deles do Facebook, ocasionalmente trocamos uns telefonemas ou uns e-mails e pronto, está o contato feito. Não é falta de interesse ou qualquer tipo de inimizade, apenas já nos acostumámos assim. Quando há más notícias, elas chegam depressa, portanto se não há notícias é sinal que... não há más notícias. Tenho que inventar um provérbio para explicar melhor esta situação.

Não me vou virar hoje para as notícias trumpetistas porque, essas, são sempre todas más. Apenas anotar que tirei uma fotografia através das grades do quintal. Surpreendi um senhor que estava, porventura, muito contente com a sua bicicleta nova e ali se quedou, mesmo em frente à *minha* árvore, a tirar fotografias ao que poderá ser, quem sabe, o membro mais importante da sua família, a sua reluzente bicicleta.

Se calhar posso atribuir-lhe um provérbio, mesmo sem o conhecer de lado nenhum: “CADA UM TEM A FAMÍLIA QUE MERECE!”

Por minha parte, eu penso que tive a melhor família do Mundo. E esta afirmação encaixa tanto na família onde fui criado, como na família que criei mais a minha companheira de vida.

Love you guys!

MAIO 18, 2020

4.50 PM

Ainda os ouço perfeitamente, embora já mais à distância.

Parece que São Pedro anda a arrumar a mobília lá no alto e deve ter pedido ajuda a Todos os Santos, o clube lá do seu bairro. Se eu os tivesse visto quando vigiei pelos buracos das negras nuvens, teria sugerido que tivessem embrulhado uns pedaços de Cúmulos aos pés das mesas e cadeiras que estavam a arrastar. Fizeram tanto estardalhaço que até deu faíscas!

Era (e ainda anda por aí) o que eu ouvia chamar de trovoadas secas. Não vi os relâmpagos porque estávamos a meio do dia e ao longe, por debaixo da camada de negridão, podia ver réstias de azul celeste e brancos Stratus, se não estou enganado, nunca fui bom nefrologista.

Eu tinha trabalho para fazer, não era uma ruidosa trovoadas secas que me ia deter. Fui à casa da Carla para trazer no meu carro uma quantidade de pedras quadradas, das que se usam para servirem de passadiço. Com as obras no quintal deles, as pedras ficaram a mais, e eu aproveitei para as usar no espaço no lado da minha casa, vão facilitar o meu andar naquele corredor. Suei as estopinhas para as acartar e comecei a instalá-las... mesmo na altura que começou a chover, a trovoadas deixou de ser seca para se transformar num aguaceiro daqueles que te atingem com uns pingos grossos como balas. Tive que arrumar as botas e o resto das ferramentas, fica o trabalho para terminar amanhã. O que até é boa ideia, se eu fizer tudo hoje, amanhã tenho que arranjar outra obra.

Aqui ao lado, a televisão vomita trapalhadas dos trumpistas a toda força. É a notícia que o DDT diz que anda a tomar o tal medicamento que ele já tentou vender antes e que até nem foi aprovado pelo FDA; é a notícia que ele, no período de 2 meses, já despediu quatro dos inspetores de organismos governamentais. E, de certeza, os restantes, pelo menos os que foram instalados por Obama, vão levar com a tábua no traseiro da mesma maneira; são as notícias que as ordens para se voltar às normais atividades económicas e sociais poderão ser precipitadas e provocarem a perda de muitas mais vidas;

e, as alarmantes notícias que as tribos Navajos estão a sofrer cada vez mais mortes, a fazerem subir o número de vítimas a nível nacional, que já ultrapassa 1 milhão e 500 mil infetados e 91 mil defuntos.



Figura 3. Trovoada seca, sobre o meu quintal, Lincoln, Califórnia

No meio desta miséria toda, foi a minha escrevinhação distraída por uma barulhada medonha de buzinas de carros. Pensei que estava na Rua da Sé da minha juventude, quando passava um cortejo de casamento. Fui a correr à porta e vi um espetáculo engraçado, que já tinha testemunhado antes em vídeo: um dos meu jovens vizinhos, talvez os dois rapazinhos gémeos que vivem duas casa abaixo da nossa, fez anos hoje e os pais organizaram um cortejo onde os amigos os vieram saudar com cartazes coloridos, trazer ofertas e cantar o “Happy Birthday” à distância. Foi engraçado de ver, embora a Alice tivesse ficado com a lágrima no olho, a pensar na tristeza desta situação, e a imaginar que o nosso Dominic faz anos na próxima semana, talvez os amigos vão surpreendê-lo com algo semelhante.

E tem razão, a “Vólice”. Ficou ainda mais triste quando viu uma série de fotografias que a Carla lhe mandou. Mostravam o modo como as nossas duas netas, a Mia Isabel, com 8 anos e a Olívia, com 5, separadas fisicamente por uma distância de 15 km, mas unidas nas suas brincadeiras via Skype. Deitada no chão do seu quarto de cama e rodeada por caixas com bonecas e outros brinquedos, a Olívia, muito atenta, mirava o computador portátil que tinha à sua frente e via e ouvia a Mia no ecrã. Só posso imaginar o que terá sido dito naquela conversa: falaram de palácios de fadas, dos filmes que gostam de ver repetidas vezes, do que fizeram durante o dia...

Eu ia escrever que espero que elas se lembrem no futuro, destas experiências de brincarem à distância. Mas não, não quero que elas se recordem destes tempos de epidemia. Não quero que as lembranças da meninice delas incluam imagens ou memórias dos dias em que nem se puderam ver ou correrem juntas ou andarem de bicicleta nas ruas ou irem nadar e saltar nas piscinas. Perderam meses da sua infância.

O que realmente espero é que este pandemónio nos deixe em paz e não interfira mais no crescimento dos nossos netos. Eles merecem melhor do que têm passado.